

A PALESTINA ROMANA NO TEMPO DO NOVO TESTAMENTO

O corredor siro-palestinense é novamente alvo de disputas; dessa vez o império romano estende seus tentáculos até o sul da Palestina. É tempo da chamada paz romana suscitando reações nada pacíficas nos territórios onde ela se instala. O movimento de Jesus se insere neste período, mas também as comunidades primitivas cristãs nascem neste quadro do grande império romano.

O imperialismo romano e os hasmoneus

Os hasmoneus estavam no poder; haviam nascido da revolução macabaica, em meio ao povo judeu no 2º século aC, lutando pela fidelidade à Torá e pelas tradições judaicas diante da helenização radical do governante sírio, o selêucida, Antíoco VI Epífanês.

E, agora, tornaram-se uma dinastia muito convencional. Elementos totalmente estranhos à tradição das Sagradas Escrituras, que perfazia o fundamento da comunidade religiosa de Jerusalém, estavam instalados tanto no palácio hasmoneu quanto na aristocracia sacerdotal. A luta pelo poder acontecia da forma mais cruel possível com direito a assassinatos dentre os pretendentes ao trono da Judéia independente; também a cadeira do sumo sacerdote era negociada pela mesma moeda da violência e regida por interesses muito individualistas, tomados pela ambição ao poder.

As legiões romanas, comandadas pelo general Pompeu no ano de 63 aC, valem-se deste momento de fragilidade para subjugar a Judéia ao império romano. A Judéia perde as cidades helenísticas da Palestina, tanto as do lado leste do Jordão

(Transjordânia) como as do lado ocidental (Cisjordânia). Também as cidades costeiras são desmembradas da Judéia como Dora, Apolônia, Joze, Jâmnia, Azoto, Gaza, e Rafa.

A Palestina era conhecida como terra das cidades, fruto da presença helenística, e alguns centros urbanos foram ampliados ou construídos pelos governantes asmoneus. Essas áreas com as cidades desmembradas do reino da Judéia ganham um governador romano. Por exemplo, a liga de dez cidades, a decápole, situada a nordeste da Palestina forma uma grandeza para si constituída de cidades helenizadas: Damasco, Canata, Hipos, Dium, Abila, Gadara, Citópolis, Pela, Gerasa e Filadélfia. Parte desse esplendor urbano foi trazido à tona pela arqueologia.

O golpe mais duro sofrido pelos judeus foi a divisão do reino construído pelos asmoneus, João Hircano (134-104 aC) e Alexandre Janeu (103-76 aC). Samaria ganha o status de cidade livre separando como uma cunha a Judéia da Galileia. Essa divisão territorial provocaria rebeliões e mais rebeliões.

O império romano que se constituía a partir de Augusto (27 aC – 14 dC) era construído à base de guerras, massacres e escravismo em massa dos vencidos. Em 63 aC as legiões romanas promoveram, segundo Josefo, um massacre de 20.000 judeus de um dos partidos da cidade santa.

De alguma forma, os romanos se deram conta de que o povo judeu tinha uma identidade cultural e religiosa bem definida e que só conseguiriam atingir seus objetivos imperialistas se respeitassem, minimamente, o específico desse povo, concedendo-lhes alguma liberdade.

O pretexto para tomar Jerusalém em 63 aC é a disputa interna dos hasmoneus. O pretendente ao trono, Aristóbulo teve o apoio dos saduceus helenizados mais ligados ao templo, enquanto outro candidato a rei Hircano tinha atrás de si o grupo dos fariseus,

tido como mais fiel às tradições religiosas e mais combativo, tendo uma origem mais popular do que os aristocráticos saduceus. Pompeu na sua tentativa de conciliar as partes em disputa, opta por Hircano II, nomeando-o sumo sacerdote.

Herodes o Grande e seus filhos

O protegido de Roma, Hircano II (63-40 aC), pouco afeito a questões da política, nomeia como seu ministro um idumeu chamado Antípater.

Seus dois filhos são nomeados pelo imperador para administrar a Galiléia e outro a cidade de Jerusalém.

Seu filho mais famoso é Herodes o Grande que começou sua habilidade como governante na Galiléia, livrando a região de bandidos e criminosos. Além disso, sufoca uma rebelião liderada por um camponês de nome Ezequias contra latifundiários romanos na Galiléia (47 aC), o que deve ter chamado, positivamente, a atenção dos romanos.

Após um período de revezes, sai de cena e retorna como “rei dos judeus” no fim do ano 40 aC; esse cargo e esse título de rei lhe foram conferidos pelo senado romano, contanto com a simpatia dos imperadores. Herodes passa ser portador do título *rex socius et amicus populi romani* – “rei aliado e amigo do povo romano”. Apesar de sua origem iduméia por parte de pai e nabatéia por parte de mãe, ele assume ser judeu e quer ir ao encontro dos seus súditos judeus.

Mesmo assim, os judeus o consideram intruso e usurpador do trono. Ele não esconde sua identificação com a cultura greco-romana e quer ocidentalizar seu país, representando os ideais romanos. É um governante ambíguo; desenvolveu um programa de obras suntuosas como o templo de Jerusalém, a fortaleza Antônia

para autoridades romanas, o palácio da cidade alta, além do embelezamento de Jerusalém; constrói o Heródion nas proximidades de Belém; as fortalezas de Massada e Nebo. Cidades são construídas em honra aos imperadores romanos como Cesaréia Marítima e Sebaste na Samaria; em Jericó construiu a residência de verão.

O preço para desenvolver esse amplo programa de construções no autêntico estilo romano foi altíssimo e pago pelos seus súditos. Não havia dúvida de que Herodes o Grande representava os interesses do império romano. Quando todo o poder se concentra nas mãos de um só imperador, especialmente, a partir de Augusto (27 aC a 14 dC), Herodes torna-se o representante fiel do imperialismo. A sua ambiguidade se evidencia também no uso dos meios para alcançar seus objetivos ambiciosos de poder. Violência, opressão e miséria são o preço pago pelo povo. Também dentro de sua família revela-se como sanguinário, executando o último remanescente dos asmoneus, estrangulando dois filhos e uma das mulheres. Manteve-se no poder por 30 anos, isto é, de 37 a 4 aC.

Quando ele morre, deixa seu território dividido entre os filhos: Arquelaus é nomeado etnarca na Judéia e Samaria, representante do povo judeu, governando de 4 aC a 6 dC, mas é deposto por Augusto que o desterra; o imperador Augusto transforma a Judéia numa província procuratoriana, interferindo de forma mais direta na Judéia, e tendo como capital Cesaréia Marítima.

Um dos procuradores que entrou no Credo Apostólico é Pôncio Pilatos (26-36 dC) que presidiu o processo contra Jesus (Mt 27). Foi deposto por causa de um massacre contra samaritanos e por ter desviado dinheiro do templo para construir um aqueduto.

Herodes Antipas fica com a Galiléia e Peréia e as governa, como tetrarca de 4 aC a 39 dC. Na hierarquia do império romano é

cargo de governante inferior ao do etnarca. Apesar da maioria dos habitantes serem judeus, havia também pagãos residindo na região. Cidades importantes são Tiberíades, Cafarnaum, Mágdala, Caná, às margens do lago de Genesaré; A pequena Nazaré ficava nas imediações de cidade Séforis. Essas cidades constituem a área de circulação de Jesus de Nazaré, apesar de ter evitado as cidades maiores; não há nenhuma menção a Séforis no Novo Testamento.

O terceiro filho é Filipe fica com a região nordeste no lado oriental do lago de Genesaré e do Jordão.

Os romanos mantinham o poder sobre os povos subjugados de diferentes maneiras. Desde províncias senatoriais governadas por titulares da classe dos senadores, protetorados como é o caso da Judéia, nomeados pelo imperador. Quando a área era instável demais podiam até ter uma legião estacionada. Nas cidades fronteiras do lado oriental do Jordão tais legiões estão documentadas. Lembremos da cidade de Gadara do lado oriental do lago de Genesaré, onde se menciona a “legião” demoníaca expulsa de dois endemoninhados, conforme Mt 8,28. Será uma referência crítica à presença militar romana em Gadara?

O poder romano vai se concentrando cada vez mais nas mãos de uma pessoa só, nas do imperador, desde Otaviano Augusto (27 aC até 14 dC) e seguido por Tibério (14 dC até 37 dC). Sua divinização e, conseqüentemente, o culto de sua pessoa eram as formas encontradas para manter a coesão e a manutenção da pax romana.

Especialmente entre judeus essa exigência de culto encontraria resistência. Numa ocasião 6.000 fariseus negaram juramento a Augusto. Essa posição de resistência rendia algumas concessões por parte do império romano; via de regra, judeus eram dispensados do culto ao imperador e liberados para a observância de leis próprias como o sábado, por exemplo. Até moedas com a efígie do imperador não precisavam circular no

templo, sendo substituídas por moedas próprias para o uso no templo.

Quando o imperador Calígula (37-41 dC) quer endurecer e instalar uma estátua sua no templo de Jerusalém, uma multidão se apresenta disposta a morrer, impedindo que se repetisse o que Antíoco IV fizera em 168 aC. O assassinato do imperador em Roma atropelou os acontecimentos, impedindo um provável massacre na entrada do templo. Manifestações de violência contra os judeus geralmente aconteciam durante festividades, por exemplo na festa da Páscoa, em que se lembrava a memória da libertação do Egito.

O imperador do tempo do nascimento de Jesus era César Augusto e chama a atenção com que glória uma inscrição da propaganda oficial o distingue:

A Providência suscitou e engalanou maravilhosamente a vida humana, dando nos Augusto[...] tornando-o benfeitor dos homens, nosso salvador, para nós e para aqueles que vierem depois de nós [...]. O dia do nascimento do deus foi, para o mundo, o começo das boas notícias recebidas graças a ele.

(citado em Auneau, Jean et alii. Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos. São Paulo, Paulus, 1986. p. 13).

A inscrição muito se aproxima daquilo que judeus esperam de seu rei messiânico. A notícia de sua ascensão ao cargo de imperador divinizado é qualificada como “boa notícia”, como evangelho, pois seu governo porá fim às guerras e instaurará a paz.

Os evangelhos, especialmente o de Lucas, só podem reservar afirmações tão cabais para seu testemunho do Evangelho de Jesus Cristo. A proclamação do anjo aos pastores de Belém em Lucas 2 soa como um anti-texto em relação a essa propaganda imperial:

Não temais! Eis que hoje vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: Nasceu-vos hoje um Salvador, que é Cristo-Senhor, na cidade de Davi. (Lc 2,10-11)

Aliás, o título Kyrios / Senhor também já era atribuído ao imperador romano.

Antes dos primeiros cristãos, judeus se opuseram ferrenhamente ao domínio romano. Vozes em desacordo, grupos de rebeldes, revoluções e guerras civis deram vazão a essa inconformidade diante da opressão romana.

A reação à presença romana

Como foi dito acima, o rosto do domínio romano na Palestina era o de Herodes o Grande e de seus filhos, especialmente, Herodes Antipas na Galiléia de Jesus, e o do procurador Pôncio Pilatos na Judéia.

O projeto megalomaniaco herodiano fora financiado através da exploração de seu povo; escravidão e massacres de seus súditos judeus estavam na ordem do dia.

O que traduz esse sentimento é o que o historiador Tácito escreve na sua obra A vida de Júlio Agrícola sobre a reação de um general bretão em outra parte do vasto império romano:

Saquear, assassinar, roubar, tudo eles [os romanos] designam com o nome falso de soberania, e onde criam um deserto dão-lhe o nome de paz.

E mais adiante:

Os nossos bens transformam-se em impostos, o resultado anual dos campos torna-se contribuições de cereais; os nossos corpos e as nossas mãos, porém, são massacrados com golpes e ofensas na construção de estradas através de florestas e pântanos.

(citado em Wengst, Pax romana: pretensão e realidade. São Paulo, Paulus, 1991. p. 32)

Sem dúvida, na Palestina não era diferente. Há séculos, a economia baseava-se sobre os mesmos pilares. A Galiléia continuava o celeiro com seu vale fértil de Jezrael; a pesca era praticada no lago de Genesaré; a antiga Betsã recebera o nome grego Citópolis, cidade do cereal, apesar de estar fora da área da Galiléia. A Judéia com sua sefelá, região de colinas, produzia grãos, a região montanhosa produzia olivais e vinhetos. A criação de gado de pequeno porte é característica de boa parte da região.

Com a chegada do poderio romano, latifundiários se instalam na Galiléia trazendo instabilidade para a área rural.

A atividade comercial era controlada por um sistema de impostos administrado pelos publicanos ou cobradores de impostos.

A cidade de Cafarnaum, junto à Via Maris, por exemplo, tinha um órgão coletor de impostos (Mt 9,9; Mc 2,13-14; Lc 5,27), além de se dedicar ao comércio, usufruir da produção agrícola de seu entorno e estimular a pesca; dispunha também de um destacamento militar.

O sofisticado sistema de tributos impressiona; enumera-se mais de uma dezena de tributos. O indivíduo entre 12 e 65 anos destinava 20% de sua renda ao imposto (tributum capitis). A propriedade era tributada conforme o tamanho, produção e número de escravos. As atividades, comercial e profissional, tinham seus percentuais de tributo a arrecadar. Além disso, um imposto especial para a coroa em determinadas ocasiões. As legiões podiam cobrar algo da população. Sem falar do templo, com o dízimo para sacerdotes e o culto (décima parte sobre cereais, vinho e azeite). As obras públicas de Herodes exigiam trabalhos forçados (corvéia).

A exploração e a pobreza oriundas desse sistema provocaram toda espécie de insatisfação e rejeição dos romanos e de seus

representantes. O famoso dito de Jesus Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus terá que se entendido neste contexto.

Os judeus reagem primeiramente através do sinédrio, um conselho representativo constituído de 70 membros da aristocracia leiga e sacerdotal. Este órgão especialmente atuante no período asmoneu consegue fazer queixas em Roma por causa de desmandos dos governos dos sucessores de Herodes. Por exemplo, a Judéia ganha um procurador por conta de um Arquelau violento e desrespeitoso para com seus súditos. Por fim o imperador o exilou.

Na Galiléia, Herodes Antipas, tendo como sede de seu território primeiramente Séforis e depois Tiberíades na Galiléia, parece mais respeitoso em relação aos judeus do que seu irmão na Judéia. Chega a interceder pelos judeus da Judéia diante do imperador por causa dos desmandos do procurador romano no sul.

No entanto, Herodes Antipas é denunciado por João Batista quando o governante da Galiléia e Peréia menospreza sua esposa e se une incestuosamente à sua cunhada (Mc 6,14-19).

Segundo Flávio Josefo, Herodes teme que a influência de João Batista sobre o povo suscitasse alguma rebelião e o manda matar (cf. Antiquidades Judaicas, XVIII, 117, 119).

Outros movimentos de resistência se inspiram na longa tradição de própria história judaica. Especialmente os últimos cinquenta anos desde a chegada de Pompeu documentam muitas revoltas; algumas provenientes de pretendentes ao trono que reúnem simpatizantes e se opõem ao poder romano.

Em 57 aC – o asmoneu Aristóbulo II, reúne 10.000 judeus para combater os invasores romanos; a legião sufoca a revolta.

Um ano depois faz uma nova tentativa com 8.000 militantes e 5.000 judeus mortos pelos soldados romanos.

Em 54 aC - um líder camponês de nome Ptolau reúne 30.000 galileus e organiza a revolta. Todos são presos e escravizados.

Herodes sufoca os revoltosos de Ezequias que se rebelam contra os latifundiários da Galiléia, matando seu líder. Roma parece ter visto as habilidades de Herodes nessas suas incursões para debelar rebeliões na Galiléia, fazendo-o seu homem forte depois na Judéia.

Depois de Herodes o Grande, as revoluções messiânicas começam a emergir tanto na Galiléia quanto na Judéia.

Arquelau, filho de Herodes o Grande, quando assume a Judéia, Samaria e Iduméia como sua parte no reino de seu pai, provoca um massacre de 3.000 judeus já na sua posse. Líderes populares proclamam-se reis da Galiléia, da Judéia ou Peréia.

No ano 4 aC, Judas, filho do líder camponês Ezequias, assassinado por Herodes décadas antes, proclama-se rei da Galiléia na cidade de Séforis. A cidade, a 8 km de Nazaré, é arrasada, e todos os moradores são escravizados.

Outro líder popular é Atronges, um pastor de ovelhas que se auto-proclamou rei da Judéia. A reação romana foi a crucificação de 2.000 judeus nas imediações de Jerusalém.

A modelo de Matatias, pai dos macabeus, que se opõe às medidas de Antíoco IV, motivado pela fidelidade à Lei, dois líderes de nome Sadoc e Judas promovem um boicote ao censo, ao pagamento do tributo e ao reconhecimento do imperador como Kyrios / Senhor. Os chefes e seu movimento teriam resistido aos romanos até 27 dC.

Os procuradores romanos vêm para pôr ordem na Judéia, reagindo com repressão e morte. Filon de Alexandria descreve o procurador Pôncio Pilatos como "um homem de caráter duro, inflexível e orgulhoso". Não foi respeitoso com o espírito religioso

judaico, provocando-os ao entrar ostensivamente na cidade santa com estandartes imperiais. O povo reage e se dirige em massa até a sede de sua procuradoria em Cesaréia, assediando-o por vários dias. No fim teve que ceder à pressão. Sabe-se de rebeliões sufocadas com violência, por exemplo, a morte de rebeldes que se opunham à construção de um aqueduto em Jerusalém com recursos subtraídos do templo.

Em meio a esse clima de resistência ao domínio romano, tanto na Judéia quanto na Galiéia, reaparecem também os movimentos proféticos.

João Batista convoca para o deserto e exige conversão, diante da iminência do juízo e do reino de Deus que está prestes a chegar. E isso em torno do ano 30 dC.

Também dentre os samaritanos um líder anônimo prometia revelar o local onde Moisés teria escondido os utensílios sagrados do templo, no monte Garizim.

Em 56 dC, um líder anônimo, conhecido como Egípcio, reuniu 30.000 no deserto e prometia fazer cair os muros de Jerusalém.

Concluindo

A chegada dos romanos sob o pretexto de impor a pax romana na Judéia, sob os desmandos da dinastia asmonéia, traz um regime de repressão jamais visto nos períodos anteriores. O número de cruces erguidas para executar supostos rebeldes, judeus que não curvavam à exploração e à interferência do poder romano, chegam a números surpreendentes. Governantes Herodianos, embora de origem estrangeira, identificavam-se com a tradição judaica, mas o ideal romano falava mais alto, provocando as mais diferentes formas de reação.

Desde movimentos de resistência armada, no feitiço dos zelotas, respondendo ao terror com terror; até movimentos de renovação de inspiração profética e messiânica, até grupos de apego à fidelidade à lei, sofrendo até martírios por causa da Lei – marcam o cenário da Palestina romana.

